

**GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO
UNEMAT CAMPUS UNIVERSITÁRIO DEP. RENÊ BARBOUR
LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA**

MAYAWARI MEHINAKO

EMPRÉSTIMOS LINGUÍSTICOS NA LÍNGUA MEHINAKU

**Barra do Bugres
2016**

MAYAWARI MEHINAKO

EMPRÉSTIMOS LINGUÍSTICOS NA LÍNGUA MEHINAKU

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT, *Campus* Universitário Dep. Est. Renê Barbour, como requisito parcial para obtenção do título de de graduado em Línguas, Artes e Literatura.

Orientador: Prof. Dr. Angel Corbera Mori

**Barra do Bugres
2016**

FICHA CATALOGRÁFICA

CIP – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

M498e MEHINAKO, Mayawari.

Empréstimos linguísticos na Língua *Mehinaku* / Mayawari
Mehinako. – Barra do Bugres, 2016.

49 f. ; 30 cm. (ilustrações) Il. (colorido).

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Graduação
Licenciatura Intercultural Indígena, Faculdade Intercultural Indígena,
Câmpus de Barra do Bugres, Universidade do Estado de Mato Grosso,
2016.

Orientador: Prof. Dr. Angel Corbera Mori.

1. Língua *Mehinaku*. 2. Línguas em Contato. 3. Empréstimos
Linguísticos. 4. Família *Arawak*. I. Mori, A. C., Dr. II. Título.

2.

CDU 572.9(=81/=82)(817.2)

MAYAWARI MEHINAKO

EMPRÉSTIMOS LINGUÍSTICOS NA LÍNGUA MEHINAKU

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Avaliadora do Curso de Licenciatura Intercultural – UNEMAT, Campus Universitário Dep. Renê Barbour como requisito para obtenção do título de Licenciado em Línguas, Artes e Literatura.

Barra do Bugres, 05 de abril de 2016.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Angel Corbera Mori
Professor Orientador

Prof. Me. Isaias Munis Batista
Professor Avaliador

Prof. Dr. Wellington Pedrosa Quintino
Professor Avaliador

**Barra do Bugres
2016**

Pensando em você

Eu penso em você todo dia
mas não podemos viver juntos
porque eu estou no outro mundo.

Quando eu for pescar,
mandarei uma flor e meu nome pela água.

Quando você for tomar banho no rio, a flor e meu nome vai amar
seu corpo e você sentirá minha saudade.

Autor: Mayawari Mehinako

DICATÓRIA

Dedico esta pesquisa aos meus pais e a toda população indígena Mehinaku, pelo exemplo de vida.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço pela oportunidade de estudar na Universidade de Estado de Mato Grosso – UNEMAT. Esta universidade ofertou o vestibular em 2011 para a formação específica dos professores indígenas da Licenciatura Intercultural, considerando três áreas de conhecimento: Línguas, Artes e Literatura, Ciência da Natureza e Matemática e Ciências Sociais.

Agradeço à UNEMAT por ter acolhido e assumido a necessidade dos povos indígenas mato-grossenses, criando a Faculdade Intercultural Indígena. Assim, a UNEMAT tornou-se uma Universidade protagonista ao abrir as vagas para os acadêmicos indígenas do ensino superior, sendo, por isso, reconhecida internacionalmente, e pioneira no país ao desenvolver esse projeto específico.

Também, meus agradecimentos pelos meus estudos do ensino fundamental e médio concluído no curso de Magistério Intercultural vinculado ao projeto *Hayô* e coordenado pela SEDUC e FUNAI, que me facilitou para ingressar na UNEMAT, tendo como expectativa em realizar minha pesquisa para o Trabalho de Conclusão do Curso, que agora apresento com o título *Empréstimos Linguísticos na língua Mehinaku*.

Agradeço a minha família por ter acreditado em meus estudos e por ter ficado em várias oportunidades distante para poder enfrentar os desafios de outro mundo cultural. Minha família me prestou o apoio essencial durante a coleta e registro dos dados e em várias ocasiões me ajudou na pesquisa de palavras emprestadas.

Agradeço ao povo *Mehinaku* da aldeia *Utawana* que respeitou meu interesse em estudar na Universidade, tendo como objetivo aperfeiçoar e melhorar o ensino na própria comunidade. A comunidade é ciente da necessidade dos estudos, para se profissionalizar na área de educação. Na aldeia, o professor não é apenas tratado como educador, mas também assume a responsabilidade de liderar o povo.

Minha gratidão para as instituições que me brindaram com apoios necessários durante meus estudos: UNEMAT, FUNAI, SECITEC e CAPES que ajudaram a conduzir o projeto até o final dos cursos de licenciaturas.

Agradeço ao meu orientador, professor Dr. Angel H. Corbera Mori do Instituto de Linguagem da UNICAMP, que aceitou o pedido da professora Monica Cidele Cruz para orientar meu TCC. O professor Angel trabalha com o povo *Mehinaku* e realiza suas pesquisas com a comunidade. Este fato facilitou a conclusão de minha pesquisa monográfica, contando com o apoio de meu orientador. Também agradeço aos professores doutores: Mônica Cidele

da Cruz e Wellington Quintino Pedrosa, que me deram orientações acertadas no decorrer da realização deste Trabalho de Conclusão do Curso.

Finalmente, agradeço a todos os colegas da minha turma pelas colaborações na pesquisa em conjunto, conforme o objetivo da Faculdade Intercultural Indígena que é o espaço de diversidade linguística, cultural e étnica, o que me ajudou interagir com as realidades e preocupações dos acadêmicos sobre a mudança e variação linguística.

RESUMO

Esta pesquisa tem o objetivo de mostrar algumas das mudanças pelas quais vem passando a língua originária Mehinaku, uma série de mudanças que se dá, sobretudo, no léxico. Observam-se que nomes diversos, principalmente, os relacionados com a denominação de objetos tecnológicos não relacionados à cultura tradicional vêm sendo introduzidos no vocabulário da língua. Esta monografia mostra também os empréstimos que fazem parte do léxico dos falantes *Mehinaku* e que foram introduzidos a partir do contato com falantes de outras línguas indígenas do Parque Indígena do Xingu. Os dados e as informações foram coletados através da pesquisa de campo, na convivência familiar, em reuniões, diálogos, festas e outros encontros realizados na aldeia *Utawana*. A pesquisa se iniciou no final do ano de 2013 e se estendeu até 2015, com o processo de anotação de palavras contemporâneas. Algumas partes foram transcritas ou escritas em língua Mehinaku, tendo sido reproduzidas como tais, seguidas da tradução para o português. A finalidade da monografia é contribuir e refletir sobre o conhecimento da cultura tradicional e sua inserção paralela no mundo científico da cultura ocidental, refletida nessa pesquisa linguística. Portanto, esperamos que os dados registrados nesta monografia sejam divulgados e publicados e que sirvam como fonte de pesquisa para a nova geração interessada em analisar e estudar o léxico *Mehinaku*.

Palavras-chave: Línguas em contato. Empréstimos linguísticos. Família *Arawak*. Língua *Mehinaku*

ABSTRACT

This research aims to show some of the exchange in which the original language spoken by Mehinaku society has been going on, a series of changes that occurs mainly in the lexicon. It is observed that different names, mainly those related to the name of technological objects not related to traditional culture has been introduced into the vocabulary of the language. This paper also shows loans that actually are part of the lexicon of the language Mehinaku speakers. These loan words were introduced from other indigenous languages spoken in the Xingu Indigenous Park.

Keywords: Language contact. Linguistics borrowing. Arawak family. *Mehinaku* language

RESUMO NA LÍNGUA MEHINAKU AHĀPIPIUKU YAYAKAI

Kata umaki ūkāitsixuwikuhā, maka ekuwatata imiyehūnakunāu iyayaka ūnaka piyāla, kata hitxapiyālapai, ekeweitsuapiyālapai, pakuĩtxakapai kaxaüpa ūkupūnalatüpe ütenu, kata puhukapiyāla imiyehūnaku iyayaka ūkuĩhā. Kaxaüpatsapakiya ūnakataitsipie ūkupūnalatüpe üné ekeweĩtsapai imiyehūnaku ūkupūnala tüpékuhā, tūnumepe patuwawakaitsahafĩkuhā. Aitsa kexe akupūnatakūnahawa akupūnalepeikuhā. Ekuwatatatsapatamāi putakanāu ūkupūnalatüpekuhā kata xingu ūnakunāupai putakanāupe iyayakatüpepeikuhā, hekuyāhatsa imiyehūnakunāu iyapai putakanāu iyayakahā. Iyukaka ekuwatataapai yayakapitsipiehē kata iyakūnapai ūxūpaiyakuwikuhā. Utawana numapai putakanaku ūnupūna ūnāi numatakūna ūmakihā. Yayakaitsipie numatakūna ūkahūweku, kata tunekeki, papawanāu ütenu, yayakai ūkahū, yayakaiyakapai petenukaka, nakai ūkahū, pütapiyālawakapai, kata ūpawatüpeheweku. Mamalapai kamükakipieiku 2013 ūkahūwa apukapai umakikuhā, iyatā 2015 ūkahūkuhā, ayanatakūnapai yayakaitsipiekuhā. Pakuĩtxaka ayanatakūna imiyehūnaku iyayakepei, üné ayanatakūnepene kaxaüpa iyayakepeikuhā. Iyukaka umaki ūkāitsixu maka ekuwatatü, maka kakāitsixukūna yayakaipiyālaki ūkahū, ūnepeiku amunuyatala mütaya tüpékuhā, makatuwa awüxü wexükatakūna yayakaihā, maka pamanakuwaki ūnupü, maka ūnupakūna ütaku yayakaitsipie, maka ekexetuwakūna yayakaitsipie ūkahühā. Ūnepeiku kakāitsixula aitsunāuwikuhā kata yayaiyālaki ūkahūkuhā.

ILUSTRAÇÕES DA PESQUISA



Fotos: Mayawari Mehinako, 2015

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 –	Tronco Tupi.....	28
Quadro 2 –	Tronco Macro-Jê -	28
Quadro 3 –	Outras famílias linguísticas	28

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 –	Palavras com empréstimos na língua Mehinaku	36
Tabela 2 –	Palavras com empréstimos da língua <i>waurá</i> e <i>yawalapiti</i>	39
Tabela 3 –	Contribuições das línguas <i>Kamayurá</i> e <i>Kayabi</i> , <i>Aweti</i> e <i>Yudjá</i>	39
Tabela 4 –	Contribuições de línguas do tronco <i>Karib</i>	40
Tabela 5 –	<i>Alata</i> - ‘lata’, ‘panela’	42
Tabela 6 –	<i>Kuyé</i> - ‘colher’	43
Tabela 7 –	<i>Tuwaya</i> - ‘toalha’	44
Tabela 8 –	<i>Kulá</i> - ‘miçanga’, ‘colar’	44
Tabela 9 –	<i>Arũwĩ</i> - ‘arroz’	44
Tabela 10 –	Empréstimos: <i>arupãu</i> ‘arpão’ e <i>kula</i> ‘miçanga’	45

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO I – CONCEITOS BÁSICOS	19
1.1 Os empréstimos linguísticos e línguas em contato	19
1.2 A diversidade linguística no Brasil.....	20
CAPÍTULO II – O POVO <i>MEHINAKU</i> (<i>IMIYEHÛNAKU</i>)	22
2.1 O primeiro contato do povo <i>Mehinaku</i> com os não índios.....	22
2.2 Histórico do povo <i>Mehinaku</i> e localização geográfica.....	24
2.3 A língua <i>Mehinaku</i>	26
2.4 As línguas faladas na Terra Indígena do Xingu	27
2.5 Relacionamento dos povos indígenas xinguanos com a etnia <i>Mehinaku</i>	29
CAPÍTULO III – A EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA ATUAL.....	30
3.1 A implantação da escola na comunidade <i>Mehinaku</i>	30
CAPÍTULO IV – BREVE HISTÓRICO DOS PROCESSOS DE FORMAÇÃO DOS PROFESSORES <i>MEHINAKU</i>	32
CAPÍTULO V – OS EMPRÉSTIMOS LINGUÍSTICOS	35
5.1 Análise de empréstimos do português na língua <i>Mehinaku</i>	36
5.2 Empréstimos a partir de outras línguas xinguanas	38
CAPÍTULO VI – OS EMPRÉSTIMOS E A MORFOLOGIA DA LÍNGUA <i>MEHINAKU</i>	42
REFERÊNCIAS	48

INTRODUÇÃO

Este trabalho analisa os empréstimos linguísticos que ocorrem na língua *Mehinaku*, trazendo para reflexão e discussão a forma como a cultura tradicional *Mehinaku* vem sendo modificada pela introdução de nomes, principalmente, daqueles que se referem a objetos tecnológicos e que, tradicionalmente, não faziam parte da cultura do povo. Por outra parte, queremos também mostrar como os falantes da língua *Mehinaku* introduziram, como parte de seu vocabulário atual, palavras de outras línguas indígenas com as quais mantêm contato atual no Parque Indígena do Xingu.

Com este trabalho, pretendemos também dar aportes para reconhecer, valorizar e fortalecer a nossa cultura tradicional, sobretudo, a variedade *Mehinaku* falada na aldeia *Utawana*, conhecer a tradição ancestral repassada pelos sábios e anciões, durante séculos, de geração em geração. Recuperar o conhecimento cultural de nossos pais e avôs para serem transmitidos para as futuras gerações, principalmente, para os jovens e crianças, pois as novas gerações vão deixando de lado os nossos conhecimentos tradicionais, passando, paulatinamente, a valorizar a língua e a cultura ocidental, representados no Brasil pela língua e cultura portuguesa.

Sem dúvida, as mudanças atuais pelas quais atravessam as sociedades indígenas, entre elas, especificamente, o povo *Mehinaku*, são o resultado de vários fatores, entre eles, o contato forçado com os não índios, acesso à energia nas sociedades tradicionais, acesso às novas tecnologias e bens materiais provenientes das cidades urbanas. Tudo isso faz com que nomes exógenos e desconhecidos de objetos não existentes na língua materna *Mehinaku* sejam denominados pelos falantes nativos, ora criando neologismos na própria língua materna, ora recorrendo a empréstimos da língua doadora, o português. Com a introdução massiva de empréstimos, a partir do português, pode-se no futuro e aos poucos, desenvolver mudanças que afetem não apenas o léxico, mas também a estrutura gramatical da língua indígena.

Nesta monografia, destaco também o fato de encontrar na etnia *Mehinaku* pessoas casadas com pessoas falantes de outras línguas indígenas, e os filhos desses casamentos interétnicos mostram certa interferência ao falarem a língua *Mehinaku*. Tudo isso, faz com que a língua materna originária, nesse caso, *Mehinaku*, esteja de uma maneira ou outra sendo modificada, sobretudo, em alguns domínios da comunicação.

Neste estudo linguístico serão identificadas e analisadas as diferenças ou semelhanças com outras línguas faladas pelo povo Mehinaku em sua interação cotidiana com a sociedade nacional e com outros povos indígenas do Parque indígena do Xingu.

Infelizmente, a população indígena, muitas vezes, não entende o porquê do estudo da língua e sua importância em registrá-la e preservá-la. Diante dessa incompreensão, os alunos e os pais não se preocupam com o ensino de língua materna, seja na sala de aula, seja durante o ensino fundamental. Somente, os anciões se preocupam com a mudança linguística e refletem sobre o fortalecimento e continuidade do domínio da língua materna, sabendo que ela é identidade do povo *Mehinaku*.

Em tempos passados, as línguas indígenas eram estritamente orais, não tendo desenvolvido um sistema de escrita própria para representar essa oralidade. No passado, a língua era falada verbalmente, porém, nos tempos atuais a nova geração está imersa na convivência com outro mundo, representada pela sociedade não índia, que ostenta o poder socioeconômico e político. Diante desse fato, devemos aprender e saber valorizar a importância da escrita desenvolvida na própria língua materna.

É nosso desejo que este trabalho sirva como fonte de pesquisa para a nova geração e que, por meio dele, se aprenda a valorizar e preservar a língua *Mehinaku*, elemento principal da identidade linguística e cultural de nosso povo.

O tema desta pesquisa surgiu como autorreflexão sobre a influência de outras línguas na língua *Mehinaku*, com destaque para a língua portuguesa que está presente no diálogo diário dos falantes Mehinaku. A língua materna está sendo aportuguesada gradativamente, como resultado do ingresso de elementos alheios à cultura tradicional e não existentes anteriormente. O autor deste trabalho iniciou seu estudo na comunidade quando começou observar a presença de palavras de língua portuguesa no cotidiano da fala do povo. Assim, o tema da pesquisa foi escolhido para ser desenvolvido, na própria comunidade, tratando de mostrar as palavras emprestadas de outras línguas e que estão já inseridas no léxico dos falantes da língua *Mehinaku*.

Do ponto de vista multilinguístico, a Terra Indígena do Xingu é multiétnica, ela está composta por 14 povos que falam línguas diferentes, pertencentes a famílias linguísticas: *Arawak*, *Karib*, Tupi - Guarani, Jê, língua isolada (língua Trumai) e língua portuguesa.

Devido a essa diversidade, o povo Mehinaku tem inserido empréstimos na língua materna, principalmente, pelo casamento interétnico. Os empréstimos mais frequentes são da língua portuguesa, língua que está dominando gradativamente a língua Mehinaku,

especialmente, pela introdução dos aparelhos tecnológicos que funcionam através da energia elétrica, como TV, celulares, *internet* e outro tipo de materiais exógenos à cultura tradicional.

Uma grande dificuldade encontrada pelos professores indígenas é saber lidar com a alfabetização dos alunos, porque objetos provenientes da cultura envolvente não possuem nome na língua Mehinaku, pois em consonância com as normas das Diretrizes da LDB, a alfabetização deve ser bilíngue, na língua materna e na língua oficial, representada pelo português. Outro fator importante a destacar é que os anciãos têm dificuldade de nomear os objetos oriundos da sociedade majoritária. Por isso, há a necessidade de criar nomes para designar os objetos na língua e cultura Mehinaku.

Para a juventude, é muito difícil criar nomes específicos atuais para os diversos objetos introduzidos na cultura nativa. Eles reagem negativamente ao uso das palavras que caracterizam a fala dos anciões. Essa rejeição se relaciona ao fato de que os jovens já são capazes de se expressar na língua portuguesa. Por isso, é importante e necessário despertar uma conscientização crítica e plena para explicar a relevância de continuar falando a nossa língua materna.

Portanto, os resultados desta pesquisa ficarão disponíveis para os leitores e falantes do Mehinaku, para eles conhecerem e valorizarem os conhecimentos teórico-práticos da temática pesquisada.

Esta pesquisa se realizou na aldeia Utawana, localizada na Terra Indígena do Xingu, às margens do rio *Kurisevo*, município de Gaúcha do Norte-MT.

Antes de proceder com a pesquisa, o projeto foi apresentado numa reunião convocada para discutir a educação escolar indígena em/e para a comunidade. Nessa reunião, explicou-se o objetivo do estudo da pesquisa e sua relevância como pesquisa acadêmica e o aporte do trabalho para a sociedade *Mehinaku*.

Tendo recebido a aprovação do projeto de pesquisa por parte da comunidade, deu-se início à coleta dos dados junto aos falantes da língua *Mehinaku*. Privilegiou-se a forma de coleta dos dados em convivência com a família e na comunidade.

Assim, a metodologia usada foi a participação social junto ao povo, desta forma, os dados foram registrados de várias maneiras: nas reuniões, nas festas, nas escolas, nos trabalhos coletivos (mutirão), nas pescarias e nas brincadeiras. Em cada instância, foram ouvidas palavras de outras línguas usadas na comunicação pelas pessoas, mesmo elas não reconhecendo nem compreendendo a comunicação nas línguas de outros povos.

A coleta dos dados também foi feita na Escola Estadual Indígena *Apuhaka*, sala Anexa da Escola Estadual Indígena Central Leonardo Villas Boas, com os alunos de ensino

fundamental do 1º a 9º anos, também com os alunos da turma de educação, jovens e adultos – EJA do 1º e 3º seguimentos. Nessa escola, os alunos conversaram entre si durante as aulas com os professores e na ocasião eles falavam diversas palavras que, de imediato, eram registradas para cumprir com os objetivos desta pesquisa monográfica. Nesse sentido, foi muito importante ouvir e prestar atenção no emprego das palavras dos alunos. Posteriormente, essas palavras registradas foram analisadas em estudo comparativo com aquelas palavras dos anciões, mostrando diferenças na visão dos alunos e dos anciões da aldeia.

Na pesquisa, quatro pessoas falantes *Mehinaku*, ou seja: Kawakanamu Mehinako, 48 anos de idade, Kamayulalu Mehinako, 55 anos de idade, Yuta Mehinako, masculino 39 de idade e Kuakuakalu Mehinako, 90 anos de idades, ajudaram-me na análise de dados. Estas pessoas explicaram a origem das palavras provenientes de outras línguas. Desta maneira, eles contribuíram e corrigiram as palavras registradas, destacando o processo de aproximação da língua *Mehinaku* com as línguas dos outros povos xinguanos.

Durante a coleta dos dados, o caderno de anotação foi utilizado como material de registro das palavras emitidas pelos falantes da língua materna dadas no momento da convivência social e familiar. Também de grande utilidade foi o uso de um Notebook, que facilitou a digitalização dos textos. Não foi difícil coletar os dados, pois a comunidade já estava ciente do objetivo da pesquisa e retorno do trabalho para a comunidade.

CAPÍTULO I – CONCEITOS BÁSICOS

1.1 Os empréstimos linguísticos e línguas em contato

A linguagem humana, assim como todas as línguas naturais atualmente faladas no mundo são dinâmicas, e não estáticas. Ao serem dinâmicas, elas ficam em constante desenvolvimento e mudança, seja no curso temporal que lhe é inerente, seja por pressões externas alheias ao próprio sistema. A língua muda no transcurso do tempo, e as mudanças podem ocorrer em todos os subsistemas da língua, na gramática, na fonologia, no seu vocabulário. Os estudos sociolinguísticos nos mostram que são os falantes e não as estruturas *per se* que sofrem a mudança inicial, e como resultado dessa mudança as estruturas de suas línguas faladas também serão alteradas.

Essa mudança e alteração da estrutura de uma determinada língua ocorrem, sobretudo, em relações de contato linguístico intensivo. Muitas vezes, essas relações de contato são assimétricas em que uma das sociedades tem o maior poder socioeconômico e político que coloca sob seu domínio à outra sociedade que não possui esse poder socioeconômico e político. É o que acontece atualmente entre as relações que se dão entre a sociedade nacional brasileira que domina as sociedades tradicionais ou indígenas. Essa dominação ocorre em todos os aspectos, social, econômico, político, cultural e linguístico.

Assim alguns jovens não valorizam muitas palavras dos anciões devido à variação linguística, pois acham que não têm necessidade de dominar as palavras antigas. Porém, os mais velhos também criticam as palavras dos jovens porque entendem que as palavras são inventadas.

Sapir (1980 [1921]) afirma que tanto as civilizações quanto as línguas não se bastam por si mesmas, surgem necessidades de intercâmbio que colocam “os indivíduos em contacto direto ou indireto com os de línguas vizinhas ou culturalmente dominantes” (p. 133). De todas as formas, qualquer que for o grau de contacto que se estabeleça entre os povos, ele é o fator principal para que os falantes passem a ter interferências linguísticas exógenas em sua fala. É muito comum que essa influência seja unilateral, a língua falada pela sociedade dominante é a que erradia os aspectos culturais em detrimento das sociedades e suas línguas faladas. Atualmente, isso acontece no contato que se dá entre o português, língua oficial do Estado Brasileiro, falada pela sociedade nacional dominante e as diversas línguas originárias faladas pelas diversas sociedades indígenas. Atualmente, se pode ver essa assimetria de relação no campo linguístico, que consiste na introdução de palavras da língua portuguesa nos

vocabulários dos falantes de línguas indígenas. Essa introdução de palavras do português nas línguas indígenas, a denominaremos “empréstimos linguísticos”. Esses empréstimos linguísticos são introduzidos tanto pela necessidade de nomear objetos exógenos introduzidos nos povos indígenas, quanto, muitas vezes, pelo prestígio e fascínio que exerce a língua portuguesa entre as novas gerações das sociedades indígenas.

Mesmo reconhecendo que cada vez mais palavras do português estão sendo inseridas no vocabulário das gerações mais jovens, devemos mencionar que nem todas as palavras emprestadas são facilmente aceitas. Observa-se que nessa adoção de palavras exógenas há uma espécie de escolha seletiva, relacionada às necessidades funcionais da língua e as necessidades de comunicação de cada sociedade indígena. Todos os povos indígenas por viverem no Brasil, um país que tem como língua oficial o português, precisam adquirir essa língua, ou melhor, se apropriar dela para cobrir a suas necessidades de comunicação da oralidade e na escrita. Assim, o indígena precisa comunicar-se com os membros dos poderes públicos, com seus vizinhos e empregadores, com diversos organismos sociais de tipo político, cultural, religioso; precisam estabelecer suas relações comerciais vendendo a produção de artesanato nas grandes cidades urbanas, como Brasília, São Paulo, Cuiabá, Rio de Janeiro. Os jovens precisam do português para poder prosseguir seus estudos em centros superiores existentes nos diferentes estados do Brasil.

1.2 A diversidade linguística no Brasil

O Brasil é um país que se distingue por sua diversidade linguística e cultural, fato que o caracteriza como uma nação plurilíngue e multicultural. Assim, no Brasil, além do português que é a língua oficial, falam-se mais de 180 línguas indígenas relacionadas a mais de 220 etnias originárias ou autóctones. Além disso, há uma variedade de outras línguas que foram trazidas pelos migrantes europeus que se estabeleceram em território brasileiro.

Como se pode ler no “Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas” (MEC/SEF, 1998, p. 115): o português não é a única língua falada em nosso país. No Brasil são faladas muitas línguas diferentes porque aqui convivem muitos povos e culturas diferentes. Os imigrantes que vieram de vários lugares, por exemplo, trouxeram para cá línguas que são, atualmente, faladas por seus descendentes: há brasileiros que usam, no seu dia a dia, o japonês, o alemão, o russo, o árabe, o italiano... Muitos brasileiros também falam, com frequência, o inglês e o francês, porque aprenderam essas – e outras línguas – na escola ou em viagens. Os descendentes dos povos africanos ainda hoje continuam usando palavras,

expressões e cânticos de línguas de origem africana em certos lugares mais isolados e em algumas comunidades religiosas de centros urbanos (candomblé, umbanda...). Os brasileiros surdos, não podemos nos esquecer, também têm a sua própria língua: a língua de sinais. E, finalmente, são faladas no país, hoje, por cidadãos brasileiros natos, cerca de 180 línguas indígenas. O Brasil é, portanto, um país multilíngue.

É muito comum que as pessoas leigas e mesmo aquelas com um nível de instruções superior, fiquem surpresos ao ouvirem falar da existência de um grande número de línguas ainda faladas pelos diversos povos indígenas. Uma explicação para isso é que se costumou apresentar nas escolas e em os livros didáticos uma informação errada da realidade linguística e cultural da sociedade brasileira. Quando esses materiais das escolas se referem que no Brasil os índios falavam Tupi, que eles vivem em ocas e que ainda usam penas como vestimenta. Assim, como não se pode falar de um índio genérico em termos de tupi, do mesmo modo não há uma única língua indígena. O que há é uma variedade grande de línguas que pertencem inclusive a diferentes famílias e troncos linguísticos.

De acordo com o relato do narrador Ayama Mehinako, ancião que contou sobre o primeiro contato dos Mehinaku aconteceu no rio Kuluene, conhecido como Rio Xingu, bem antes da chegada dos irmãos Villas Boas, na praia de Ukúxe, quase próximo do afluente de rio *Kurisevo*, localizado no Alto Xingu.

Nessa praia, o avião pousou pela primeira vez para contatar os *Mehinaku*, que se encontravam pescando nesse momento. Os pescadores Mehinaku estranharam o avião, pois nunca tinham visto antes essa máquina voadora. O pessoal que veio no avião cumprimentou os índios em português, os *Mehinaku* respondiam na língua indígena. Depois dos cumprimentos, cada um recebeu presentes, tais como faca, machado, lima, enxada, anzol e outros objetos que eram desconhecidos nessa época para os índios.

Nesse primeiro contato, os membros do avião combinaram com os *Mehinaku* para retornar em outro dia, trazendo mais objetos para os índios, também falaram para que eles convidassem mais índios Mehinaku para um próximo encontro. Assim, os *Mehinaku* ficaram felizes e contentes, porque cada um ganhou presente, que era uma novidade para esses pescadores.

Conforme acordado, os próprios pescadores Mehinaku avisaram outras pessoas, também a pessoas de outros povos para se juntarem para receber os visitantes. A maioria deles foi de canoa enfeitada, todos felizes para conhecerem outras pessoas.

No mesmo dia da chegada dos não índios à praia *Ukúxe*, os *Mehinaku* viram muitas outras pessoas de outros povos do Xingu. Cada povo tinha seu cacique que coordenava o recebimento dos não índios que traziam vários presentes. Nesse contato, tanto índios como não índios, todos reunidos, ficavam trocando ideias sobre as futuras visitas e continuar contando com a amizade dos povos contatados. Depois os indígenas retornaram para suas próprias aldeias, levando os presentes recebidos, para depois serem distribuídos nas comunidades, conforme a decisão dos caciques.

É assim como o povo Mehinaku começou a receber e aceitar objetos externos provenientes dos não índios, objetos que eram desconhecidos pela população indígena. Como esses objetos eram exógenos à sociedade indígena, os falantes começaram a criar nomes para esses objetos, vendo seu uso respectivo e também verificando a utilidade deles com respeito aos materiais existentes na própria sociedade indígena.

Posteriormente, os *Mehinaku* tiveram contato antes dos Irmão Villas Boas com outras pessoas indígenas que viajavam pelo rio *Kurisevo*, entre eles pessoas dos povos Bakairi e *Xavante*. Como esses dois povos já mantinham contato com os não índios, muito antes dos *Mehinaku*, eles davam objetos para levarem para a aldeia.

Já no período dos irmãos Villas-Boas, sertanistas designados pelo governo brasileiro para juntar os povos indígenas do Xingu, foram introduzidos mais objetos provenientes das cidades. Mais tarde, os indígenas começaram também levar artesanato para as cidades, também para passear, e em alguns casos, para estudar.

2.2 Histórico do povo *Mehinaku* e localização geográfica

Atualmente o povo *Mehinaku* está dividido em quatro aldeias: *Utawana*, *Uyaiyuku*, *Aturuwa* e *Kaupüina*, elas estão localizadas ao sul da Terra Indígena do Alto-Xingu, conhecido como Parque Indígena Xingu – PIX. A aldeia *Utawana* fica a 1000 metros da fronteira, na margem esquerda do rio Curisevo, município de Gaúcha de Norte-MT. Além da aldeia, no mesmo local, encontra-se o Posto de Vigilância – PIV, criado no ano de 1995, pelo órgão *Federal Fundação Nacional do Índio* (FUNAI). Porém, recentemente, houve uma reestruturação da FUNAI, mudando o nome de PIV para Coordenação Técnica Local Curisevo (CTI).

A população do povo *Mehinaku* é de, aproximadamente, 350 pessoas espalhadas pelas quatro aldeias já mencionadas anteriormente. A comunidade *Mehinaku* se dividiu por um motivo do desentendimento interno entre as lideranças, divisão por causa de acusação de feitiçaria, que tradicionalmente existe (MEHINAKU, 2006, p. 11).

Este fato causou a mudança de uma parte da população, fundando uma nova aldeia chamada *Utawana*, no ano de 2004. Mesmo assim mantemos relações com a aldeia antiga, sempre participamos juntos na realização das festas e rituais tradicionais, mantendo a harmonia e união, e lutando pelas causas que são comuns ao povo *Mehinaku*.

De acordo com a monografia de pós-graduação, escrita por Makaulaka *Mehinaku* (2009), o povo *Mehinaku* sempre morou no Parque Indígena do Xingu, no trecho entre os rios Curisevo e Tuatuari, mesmo com as mudanças ocorridas por causa de doenças e epidemias, além do conflito que existia antigamente com o povo *Ikpeng* (*Karib*), também com a chegada dos irmãos sertanistas Villas Boas. Os irmãos Villas Boas (Orlando, Cláudio e Leonardo) eram membros “integrantes da Expedição Roncador-Xingu, em 1946” (MENEZES, 2000: 33) ligado à Fundação do Brasil Central, na época do Serviço de Proteção ao Índio (SPI). Orlando Villas-Boas conseguiu aproximar as comunidades do Alto Xingu por meio de construção de posto Jacaré em 1947, que na época funcionava como “ponto de apoio a rota de Manaus e posto de assistência indígena” (MENEZES, 2000: 34), esse posto mantinha uma infraestrutura de assistência à saúde, atendendo, sobretudo, o tratamento de doenças contagiosas, tais como:

sarampo, catapora, gripe, tosse, entre outras: “A única alteração constatável ocorrida na região, de 1887 para cá, foi uma redução de quase metade do número de seus habitantes, tornando-se como verdadeiro o montante populacional calculado naquela ocasião”.

Segundo os irmãos Orlando e Cláudio Villas-Boas, a redução da população indígena do Alto Xingu iniciou-se com os primeiros e violentos surtos de gripe, disentéricos e muitas outras molestas de natureza infecciosa, que foram introduzidas na região, fase que começou quando índios que habitavam o Baixo Curisevo iniciaram a subida desse rio para entrar em contato com os núcleos de população não índia localizados no Alto Paranatinga, do Posto Simões Lopes (VILLAS-BOAS, 1972).

Ainda, segundo os irmãos Villas-Boas, os impactos das doenças sobre as populações do Baixo Curisevo foram tão desastrosos que provocaram a morte de famílias inteiras, pois

Nessas viagens, realizadas sempre com o fito de adquirir ferramentas, machados e facões, eram os índios, em algumas delas, contaminados por determinadas moléstias que se agravavam quando já se encontravam em meio do caminho de volta. Completamente desamparados, morriam quase todos. Os poucos que logravam atingir suas aldeias eram portadores de agentes mórbidos, contraídos e estes, uma vez disseminados, iam encontrar, em um número maior de organismos indefesos, campo propício para prosseguir e ampliar sua ação devastadora. (VILLAS-BOAS, 1972, p. 17-18).

Muito antes da chegada de Karl Von Den Steinen ao Xingu, em 1887, o povo *Mehinaku* morava na aldeia Yulutakitsi, na época dos nossos bisavôs. Este povo constituía uma comunidade muito populosa e com uma aldeia muito grande. Segundo conta o cacique Yumuin, de 57 anos, da aldeia *Uyaiyuku*:

Quando uma pessoa da comunidade morria a metade chorava e ficava de luto, e o resto só na alegria, porque eram muitos. Nessa comunidade chefiavam bisavôs daqueles que foram grandes líderes do povo Mehinako, como Talapitxuma, Amatiüpuku. Com o tempo chegou uma doença sarampo, que acabou com a metade da comunidade, já na época dos novos líderes, que eram Talapitxuma, Amatiüpuku.

Sabe-se que as doenças que chegaram ao Xingu alteraram completamente a organização social do povo, então as pessoas ficaram tristes e pensaram em procurar ou abrir uma nova aldeia para morar. Assim, mudaram para aldeia chamada *Ulawapühü*, segunda aldeia principal dos *Mehinaku*, o lugar era chamado desse modo, porque era considerado lugar de acampamento das ariranhas.

Desta segunda aldeia, os líderes decidiram se mudar para outras áreas fundando novas aldeias. Uma parte foi para *Enumana*, outra para *Walupühü*, *Munupühü*, *Xamuxayutü*,

próximas à aldeia principal de *Ulawapühü*. Uma dessas comunidades era chefiada pelas grandes lideranças, *Talapitxuma*, *Amatiipuku*, *Mapulu*. Ainda nesse tempo, surgiu a aldeia *Uyaipiyuku*, que era considerado *uleiyukala*, ‘lugar de roça’. Nesse período algumas comunidades costumavam mudar a área de ocupação da aldeia.

Conforme a pesquisa do Pós Graduação do professor Makaulaka Mehinako e Aweti o relato do cacique Yumuim Mehinako, que provavelmente entre os anos de 1937 a 1945, chegaram à aldeia *Ulawapühü* os *Ikpeng*, um povo que, nessa época, era hostil, sendo considerado um povo inimigo dos *Mehinaku*. Da aldeia *Ulawapühü*, os *Mehinaku* foram para *Yakuayanaku* de onde, mais uma vez, se mudaram para uma penúltima aldeia, *Xalapapühü*, mudança que coincidiu com a época da chegada dos Irmãos Villas Boas, em 1946. Orlando Villas-Boas, paralelamente a seu trabalho principal de contatar os povos do Xingu, foi quem teve a iniciativa de incentivar a aproximação das comunidades do Alto Xingu com o Posto Indígena Leonardo, tendo como alvo garantir a assistência à saúde. Os *Mehinaku* viram essa oportunidade como um bom caminho para se mudarem do lugar onde não viviam tranquilos e em paz, por causa dos conflitos permanentes com os *Ikpeng*. Este foi este um dos principais fatores que levaram à mudança para a aldeia *Xalapapühü*, localizada a 11 km do Posto Indígena Leonardo.

Em 1990, abriu-se uma nova aldeia, retornando para seu território original, *Uyaipiyuku*, que se encontra na região da antiga aldeia *Ulawapühü*, na margem esquerda (oeste) do rio Kurisevo.

Como conta o cacique Yumuim, um dos motivos que incentivou a mudança dos *Mehinaku* para a aldeia atual, foi o fato dos *Yawalapiti* terem solicitado sua terra tradicional cedida aos *Mehinako*, na época que chegaram nesta área. Sendo assim, os *Yawalapiti* pediram aos *Mehinaku* que se mudassem daquele lugar, devido a que era uma área utilizada por eles como lugar de procura de fontes para sua alimentação.

2.3 A língua *Mehinaku*

A língua *Mehinaku* é uma identidade linguística que caracteriza o povo *Mehinaku*, ela é fundamental essencial para a comunidade ter a língua de origem. Portanto, a comunidade sempre está valorizando o uso de língua no seu cotidiano.

A língua serve para as pessoas se comunicarem entre si, dar nomes aos objetos, nomear as pessoas, namorar, narrar histórias do povo, etc. Todas as palavras têm suas

significações relevantes na cultura do povo Mehinaku. Por isso, os anciões sempre dão conselhos para que os jovens mantenham a língua viva e continuem usando no seu dia a dia.

Conforme o Referencial Curricular Nacional para Escolas Indígenas (1998, p. 113), *todos os homens nascem com a capacidade de utilizar a linguagem, uma característica universal da espécie humana. E a linguagem serve para que os seres humanos possam fazer muitas coisas: a linguagem tem muitas funções.*

O homem usa a linguagem para expressar seus pensamentos, suas emoções e sentimentos, seus sonhos, seus desejos e intenções; pode usá-la para convencer e para construir discursos políticos; para fazer poesias, descrições, fatos. É a linguagem, também, que nos permite criar narrativas, cantos, rezas e mitos, espaços onde buscamos dar sentido para a nossa própria existência. A linguagem não é somente um instrumento de expressão humana; não é apenas um instrumento de comunicação entre o homem e seus semelhantes, entre o homem e suas entidades divinas. A linguagem serve para pensar e avaliar o mundo; serve para raciocinar, fazer operações, planejar ações. Graças à faculdade da linguagem os homens transmitem conhecimentos já adquiridos e aumentam, o tempo todo, o seu saber, adquirindo novos conhecimentos. A linguagem é, quase sempre, o meio mais importante através do qual os povos constroem, modificam e transmitem suas culturas. É por meio do uso da linguagem que a maneira de viver de uma sociedade é expressa e passa, constantemente reavaliada, de uma geração para outra. Assim, a comunidade indígena Mehinaku compreende a importância da língua materna que serve para tudo ser humano se comunicar.

2.4 As línguas faladas na Terra Indígena do Xingu

A Terra Indígena do Xingu está habitada por quatorze etnias de diferentes culturas, tradições e organização social, todas falantes de diversas línguas, pertencentes a várias famílias e troncos linguísticos variados. Os povos estão divididos por regiões, tais como: (i) Alto-Xingu, habitado por *Mehinaku*, *Aweti*, *Yawalapiti*, *Waurá*, *Kamayurá*, *Kuikuro*, *Nafukuá*, *Matipu*, *Kalapalo*; (ii) Médio-Xingu, onde se encontram os *Ikpeng* e os *Trumai*; (iii) Baixo Xingu habitado pelos *Kayabi*, *Kĩsêdjê*, *Tapayuna* e *Yudjá*. Todos esses povos estão classificados de acordo com a língua que falam, agrupados em famílias e troncos linguísticos. O tronco Tupi está representado pelas famílias e línguas seguintes:

Quadro 1 – Tronco Tupi

Família	Línguas
Tupi-Guarani	<i>Kamayurá, Kayabi</i>
Juruna	<i>Yudjá</i>
Aweti	<i>Aweti</i>

Fonte: Elaborado pelo autor, 2016

Este tronco está apenas representado pela família linguística jê:

Quadro 2 – Tronco Macro-Jê

Família	Línguas
Jê	<i>Kĩsêdjê, Tapayuna</i>

Fonte: Elaborado pelo autor, 2016

Outras famílias linguísticas não classificadas em troncos linguísticos e as línguas que as integram são:

Quadro 3 – Outras famílias linguísticas

Família	Línguas
Arawak ou Aruak	<i>Mehinaku, Waujá, Yawalapiti</i>
Karib	<i>Ikpeng, Kalapalo, Kuikuro, Matipu, Nahukwá e Naruvotu</i>

Fonte: Elaborado pelo autor, 2016

No Xingu, encontra-se também o *Trumai*, uma língua não relacionada a nenhum dos troncos linguísticos brasileiros conhecidos, também sem nenhuma relação com outras famílias linguísticas existentes no Brasil ou em outros países desta parte do continente.

Além das línguas faladas pelos povos originários, há também a língua portuguesa, que é a língua de contato entre as diferentes etnias, sendo falada mais fluentemente pelos homens jovens e alguns adultos. Recentemente, o número de falantes do português tem aumentando, observa-se que muitas mulheres jovens já falam e entendem o português. Assim, a língua portuguesa vem se transformando em o meio de comunicação interétnica, substituindo a comunicação tradicional que era feita na própria língua materna.

2.5 Relacionamento dos povos indígenas xinguanos com a etnia *Mehinaku*

De acordo com os mais anciões, há muito tempo atrás, os *Mehinaku*, *Waurá* e *Yawalapiti*, falantes de línguas da família linguística Arawak, eram os primeiros habitantes do Xingu. Dado a estreita relação interétnica que tinham entre si, algumas palavras específicas do *Yawalapiti* e do *Waurá* foram introduzidas na língua *Mehinaku*.

Além desses povos, com o passar do tempo mais outros povos indígenas chegaram para o Xingu, ocupando o mesmo território. Esse fato converteu o território xinguanos em um território multilíngue e multicultural, sendo habitado, atualmente, por quatorze etnias diferentes. Fruto desse contato resultou em casamentos interétnicos, que teve como resultado influências nos sistemas das línguas atualmente faladas no Parque Indígena do Xingu.

Naquele tempo, conforme os contatos estabelecidos, algumas pessoas passaram a serem alfabetizadas na língua de outras etnias, de acordo com as famílias como as quais viviam. Dessa maneira, algumas pessoas começaram a dominar e misturar a língua materna com misturas de palavras provenientes de outras línguas. Por exemplo, nas aldeias *Mehinaku* se podem encontrar pessoas provenientes dos povos *Kamayurá*, *Yawalapiti*, *Trumai*, *Waurá*, *Nafukuá/Yaramü*, *Matipu*, *Kuikuro* e *Aweti*. Mesmo assim, a língua *Mehinaku* ainda é falada como língua materna por crianças, jovens, adultos e anciões, ou seja, por todas as faixas etárias. Digamos, 100% das pessoas que se auto-identificam como *Mehinaku* usam a língua materna como meio de comunicação.

CAPÍTULO III – A EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA ATUAL

3.1 A implantação da escola na comunidade *Mehinaku*

Atualmente, as escolas indígenas *Mehinaku* estão presentes nas quatro aldeias de Rede Estadual e Municipal, elas são: Escola Estadual Indígena Apuhaka, da sala Anexa da Escola Estadual Indígena Central Leonardo Villas Boas, da aldeia *Utawana*; Escola Municipal Indígena Madrin da aldeia *Uyaipiyuku*; Escola Municipal Aturuwa da aldeia *Aturuwa*; Escola Estadual Indígena *Kuyakuyakalu* da sala anexa da Escola Estadual Indígena Central Leonardo Villas Boas, da aldeia *Kaupüna*. Além dessas escolas, há também a Escola Municipal *Emikia* da CTL – Curisevo, que está ligada à rede Municipal. Todas as escolas dependem do Município de Gaúcha do Norte – MT, duas escolas ficam no mesmo município, mas quem fica responsável da parte pedagógica é a Assessoria Pedagógica de Gaúcha do Norte.

Em 2004, a comunidade de *Uyaipiyuku* se dividiu, dando origem a uma nova aldeia *Utawana*, a divisão deu-se por conta de acusação de feitiçaria. Nesse ano, um grupo de pessoas mudou-se para essa nova aldeia recém-criada, que se estabeleceu na proximidade do Posto Indígena de Vigilância Curisevo (PIV). Os alunos da antiga aldeia *Uyaipiyuku* foram transferidos para serem atendidos na escola municipal deste local no nível de ensino fundamental.

Segundo o professor Makaulaka Mehinaku “a escola da comunidade Mehinaku, aldeia *Uyaipiyuku*, teve início por volta do ano de 1993, com atuação dos professores indígenas que receberam o Curso de Magistério para atuação direta nas suas comunidades, prestando serviços concomitantemente”.

Os primeiros professores que atuaram nessa Escola Indígena Municipal Madrin, da aldeia *Uyaipiyuku*, foram: Uretsu Raul Mehinako e Makaulaka Mehinako. Eles foram os primeiros formados no magistério dentro do Programa de Formação dos professores indígena do Xingu. Esse programa de formação dos professores indígenas era um projeto dedicado à Formação dos Professores Indígenas, coordenado pelo Instituto Socioambiental (ISA), em conjunto com o MEC e a FUNAI. Posteriormente, no decorrer de sua função, o professor Makaulaka Mehinako iniciou seu curso no projeto Tucum ofertado pela UNEMAT, que tinha começado o Programa dedicado ao 3º Grau Indígena.

O professor Uretsu Raul Mehinako continuou na Escola Indígena Municipal Madrin, aldeia *Uyaipiyuku*, trabalhando com outro colega, o professor Kemenha que atuava na mesma escola. Nesse tempo, ele estava em formação de Magistério Intercultural do projeto *Hayô*,

ofertado pela SEDUC – Secretaria do Estado de Mato Grosso com a parceria da Fundação Nacional do Índio (FUNAI). Enquanto isso, o professor Makaulaka Mehinako mudou-se para aldeia Utawana, atuando dessa maneira na Escola Indígena Estadual *Utawana*. Atualmente, o professor Makaulaka, após ter-se formado com o Grau de Mestre em Linguística pela Universidade de Brasília (UnB) desempenha-se como professor na escola da aldeia *Kaupina*.

CAPÍTULO IV – BREVE HISTÓRICO DOS PROCESSOS DE FORMAÇÃO DOS PROFESSORES *MEHINAKU*

Assim como acontecia em todas as sociedades indígenas, antigamente não existia a escola oficial dentro da aldeia *Mehinaku*, nem nas outras comunidades indígenas da Terra Indígena do Alto Xingu. Como mostra a pesquisa do professor Makaulaka:

no período da era dos Irmãos Villas Boas, integrantes da expedição do Brasil Central, que num mesmo tempo fizeram trabalho de pacificação dos povos hostis e aproximação dos povos indígena do Xingu, durante as suas permanências nos postos indígenas, por eles instados: Posto Base Jacaré, Posto Indígena Leonardo Villas Boas e Posto Indígena Diauarum, relatam as lideranças que Orlando Villas Boas não permitia as pessoas estudarem, rabiscar o papel, pois acostumariam com esta cultura, se apoderariam da escrita, assim passariam esquecer e desvalorizar sua cultura.

Com a saída dos irmãos Villas Boas dos postos indígenas centrais, as escolas foram implantadas nesses postos, ficando o funcionamento delas aos cuidados da Fundação Nacional do Índio (FUNAI). Nestas escolas lecionaram professoras não-indígenas, sob coordenação da FUNAI. A maioria dos alunos dessa época era jovens, vindo das aldeias próximas da localidade. A escola era uma novidade para as comunidades do Xingu. Alguns alunos que iam por curiosidade vinham das aldeias um pouco longe desse local, sofriam muito, tanto na ida quanto no retorno para suas aldeias. Eles viajavam de canoa pelos rios, em tempo de enchentes tomando chuva, e sol na época de seca, geralmente percorrendo até 7 km de caminho. Assim relatam os professores Uretsu Raul Mehinako e Kemenha Mehinako, que nessa época eram ainda moços e são professores.

Por volta de 1994, o Instituto Socioambiental (ISA) assumiu um compromisso de formar os professores indígenas das comunidades indígenas da Terra Indígena do Xingu, para que pudessem diretamente atuar em suas comunidades, uma vez que os professores e professoras não-indígenas, que vinham lecionar não eram capazes de atender a demanda das comunidades indígenas, pois permaneciam por período curto, com pouca visão antropológica, inabilitados para lecionar com os alunos indígenas de acordo com a especificidade e as diferenças locais.

Para atender à demanda Constitucional que alega os direitos e diz da forma como a educação escolar deveria funcionar para os povos indígenas, a formação dos primeiros professores passa ocorrer entre os anos 1994 a 1998, sob a responsabilidade inicial da Organização não-governamental, “Fundação Mata Virgem”, sendo posteriormente assumida pelo Instituto Socioambiental (ISA) que deu seqüências ao Projeto de Formação de

Professores Indígenas do Parque Indígena do Xingu. Em 1992, quando os ISA substituiu a “Fundação Mata Virgem” na formação dos professores do Xingu, o curso foi financiado com o aporte econômico da embaixada de Noruega.

Entre anos de 1998 e 1999 o projeto formou a primeira e segunda turmas de professores que tinham completado sua carga horária. Posteriormente, forma-se mais uma outra turma, mas ficando sem concluir o curso de formação para o magistério, pois o apoio econômico ao projeto tinha chegado a seu fim. Para essa turma que ficou mais de dois anos sem curso de formação, a Secretaria de Educação do Estado de Mato Grosso (SEDUC), os assumiu no projeto de formação, no *Projeto Hayô*. Este projeto foi criado para atender a demanda de algumas comunidades indígenas do estado de Mato Grosso, que continuava com carência de professores formados no nível de ensino médio. Assim, o Xingu passou a ser contemplado neste, após a reivindicação de algumas lideranças e representantes dos professores do Xingu.

Em 2006, na segunda etapa do Curso de Magistério Intercultural, realizado no Polo Leonardo no Alto Xingu, eu me apresentei para o coordenador do curso para participar sem me matricular. Mas, como ainda tinha vaga disponível, fui matriculado como participante do curso. Não tinha interesse de ser professor, porque estava com o plano de assumir outro cargo. Quando participei pela primeira vez, tive muita dificuldade em me expressar na língua portuguesa, ler e interpretar o texto. Não consegui falar perante os colegas, pois riram quando eu estava falando. Isso me chamou atenção para estudar bastante na aldeia porque queria adquirir o conhecimento e aperfeiçoar o estudo. Posteriormente, exercitei no estudo de campo, fazendo esforços de leituras de diversos livros e praticando na escrita e oralidade. Quando participei da terceira etapa, comecei aperfeiçoar nos trabalhos de escrita e oralidade. Conforme meu desempenho, a coordenadora da educação municipal indígena me indicou para assumir a sala de aula no nível de ensino fundamental de 1ª a 4ª série. Através desse trabalho, comecei a ensinar os alunos com muita dificuldade, mas continuei aprendendo e ensinando os alunos com os conteúdos abordados. Isso foi um desafio traumático, ter que encarar e estudar o conhecimento ocidental. Hoje me refiro como militante do estudo por desafiar as dificuldades.

Atualmente, a educação formal vem desenvolvendo-se na comunidade Mehinaku. Desde seu início e, ao longo da implantação da escola na aldeia, o povo *Mehinaku* assumiu que a educação escolar tem um papel importante na comunidade, que ajuda na formação intelectual, pessoal e coletiva do jovem e futuro *Mehinaku*.

A população Mehinaku entende que a escola é o espaço de ensino incorporado a partir da cultura ocidental, por isso acham, equivocadamente, que a escola na aldeia deveria funcionar seguindo os moldes como funciona na sociedade não indígena. Os próprios pais dos alunos acham que a finalidade da escola deve ensinar somente conhecimento ocidental, pelo contrário, a educação escolar indígena vem fortalecer e ensinar os alunos indígenas, a partir dos próprios conhecimentos tradicionais, de forma multidisciplinar.

Infelizmente demorou para comunidade compreender e entender o resultado da implantação da escola na aldeia e, até hoje, alguns pais de alunos continuam pensando sobre ensino de sistema do não índio.

CAPÍTULO V – OS EMPRÉSTIMOS LINGUÍSTICOS

É comum definir os empréstimos linguísticos como palavras tomadas “emprestadas” a partir de outras línguas, isso acontece como consequência do contato entre povos de culturas e línguas diferentes. A introdução de palavras emprestadas pode estar relacionada a diversos fatores, tanto linguísticos como extralinguísticos. Por exemplo, uma palavra pode ser introduzida na língua materna de um falante sem que tenha contato real com os falantes de outra língua, ou pode ser introduzida ao se produzir uma relação mais interativa entre os falantes da língua receptora e os falantes da língua emprestadora, por exemplo, entre as línguas faladas pelas diversas etnias indígenas e o português. Assume-se que, nessa relação de empréstimos linguísticos há um *continuum* que varia desde um simples empréstimo lexical que ocorre em contatos esporádicos até um empréstimo mais estrutural elaborado que se dá em situações de contato intensivo.

Deve-se mencionar que os fatores sociais jogam um papel importante na motivação para que os falantes de uma língua adotem palavras de outras línguas. Dois fatores podem ser considerados: (i) necessidade estrutural, (ii) prestígio social de uma língua. A necessidade estrutural relaciona-se com o fato de nomear coisas desconhecidas, pessoas, lugares, conceitos novos, entre outros. Este fato ocorre, por exemplo, com as culturas indígenas, que por estarem em contato com a sociedade nacional majoritária falante de língua portuguesa, ficam expostas a novas áreas de conhecimento cultural e experiências desconhecidas pelos povos originários. Desta forma, para preencher determinados vazios no vocabulário das línguas indígenas, os falantes recorrem a palavras do português. O prestígio social de uma língua e o poder econômico de seus falantes seria outro fator que também influenciaria para que os falantes recorram ao uso de empréstimos linguísticos. De fato, a introdução de empréstimos não se dá da mesma maneira, há línguas que resistem ao uso de palavras provenientes de outras línguas, recorrendo, ao contrário, aos mecanismos estruturais da própria língua para criar nomeações e conceitos que, inicialmente, eram alheios à cultura originária, enquanto, há outras línguas em que seus falantes facilmente incorporam em seu vocabulário itens de outras línguas. Não é objetivo de esta monografia aprofundar nessa questão, por este motivo passaremos a discutir os empréstimos que atualmente estão visíveis na língua *Mehinaku*.

5.1 Análise de empréstimos do português na língua Mehinaku

Apresentamos, a seguir, na Tabela (1) uma lista de palavras introduzidas como empréstimo na língua Mehinaku. Essas palavras, como se verifica, são provenientes do português brasileiro e que atualmente estão usadas rotineiramente na comunicação da população Mehinaku. Para cada uma dessas palavras, apresentação uma breve descrição.

Tabela 1 – Palavras com empréstimos na língua Mehinaku

Língua Mehinaku	Glosa	Explicação da adaptação das palavras
<i>alata</i>	Panela de alumínio	Item que vem do português ‘lata’, é usado para se referir as panelas de alumínio que cada vez está mais presente nos povos xinguanos. A panela tradicional de barro chama-se <i>makula</i> .
<i>ulupí</i>	Caldeirão grande	<i>Alata-kumã</i> : empréstimo formado a partir de uma palavra em português seguido pelo o morfema – <i>kumã</i> ‘grande’ que é próprio da língua Mehinaku. Em termos específicos seria um <i>blend derivacional</i> .
<i>mihĩyetei</i>	Panela de alumínio de tamanho médio	Esta palavra se usa para se referir a uma panela que serve para carregar água. Paralelamente criou-se o item <i>alata-tepu</i> formada a partir do empréstimo <i>alata</i> do português seguido do morfema – <i>tepu</i> da língua Mehinaku. Nesse caso, temos novamente um empréstimo por <i>blend derivacional</i> .
<i>itsa</i>	Canoa	Atualmente introduziu-se a palavra <i>paruku</i> , palavra proveniente do português <i>barco</i> adaptada à fonologia do Mehinaku.
<i>wakula</i>	Arroz	Termo originário para dizer ‘comida’ em Mehinaku, mas atualmente se usa a palavra <i>aruwĩ</i> , empréstimo da língua portuguesa <i>arroz</i> adaptado à fonologia da língua nativa.
<i>mahitxukitxana</i>	Televisão	Um neologismo criado na língua Mehinaku para se referir a um objeto exógeno à cultura indígena: ‘ <i>televisão</i> ’. Também ocorre a palavra <i>telesipãu</i> , com a pronúncia adaptada à fonologia da língua Mehinaku.
<i>narãja</i>	Laranja	Empréstimo da língua portuguesa parcialmente adaptada à fonologia da língua indígena.
<i>mautene</i>	Colher	A palavra indígena <i>mautene</i> foi substituída por <i>kuye</i> adaptação fonológica da palavra portuguesa <i>colher</i> .
<i>pitsatãi</i>	Copo, Caneco	Aqui também, a palavra indígena que designava o que seria <i>copo</i> no português foi substituída pelo empréstimo <i>kupu</i> com sua respectiva adaptação fonológica. <i>Pitsatãi</i> também pode denotar outro

		referente: <i>caneco</i> , palavra que na fonologia da língua Mehinaku se pronuncia <i>kaniku</i> .
<i>ãitxakiinapai</i> <i>ütakuitsa</i>	Prato	É uma construção perifrástica para se referir o prato na língua Mehinaku. Esta perífrase está formada por <i>ãitxa</i> – ‘raiz verbal ‘comer’ seguida pelos sufixos – <i>küna</i> ‘nominalizador’, - <i>pai</i> ‘imperfectivo’. Depois temos a forma <i>ütakuitsa</i> cuja estrutura seria <i>ü-</i> ‘causativo’- <i>taku</i> ‘locativo’ – <i>i</i> ‘perfectivo’ – <i>tsa</i> ‘causativo’. Usa-se também a palavra <i>paratu</i> , um empréstimo da língua portuguesa adaptado à fonologia do Mehinaku.
<i>kupetu</i> ,	Cobertor	Empréstimo adaptado à pronúncia Mehinaku: <i>cobertor</i> → <i>kupetu</i>
<i>tuwaya</i>	Toalha	A palavra emprestada do português, com adaptação fonológica para se referir a ‘ <i>toalha</i> ’.
<i>piyulatiüxu</i>	Miçanga	Um neologismo em língua Mehinaku para se referir a ‘ <i>miçanga</i> ’. Para o mesmo referente adotou-se como empréstimo a palavra ‘ <i>kula</i> ’ que é uma palavra derivada do português ‘ <i>colar</i> ’.
<i>yabunetsi</i>	Sabonete	Empréstimo do português com adaptação fonológica: <i>sabonete</i> → <i>yabunetsi</i> .
<i>malasiya</i>	Melancia	Palavra adaptada à fonologia do Mehinaku, de <i>melancia</i> para <i>malāsiya</i> .
<i>maka</i>	Manga	Palavra adaptada à fonologia da língua Mehinaku: <i>manga</i> → <i>maka</i>
<i>tsapãu</i>	Sabão	Empréstimo do português ‘ <i>sabão</i> ’ com adaptação à fonologia do Mehinaku: <i>tsapãu</i>
<i>kawé</i>	Café	Este item tem sua origem na palavra ‘ <i>café</i> ’ do português.
<i>pililitu</i>	Pirulito	Palavra adaptada na língua Mehinaku, para se referir a ‘ <i>pirulito</i> ’ na língua portuguesa: <i>pirulito</i> → <i>pililitu</i> .
<i>karameru</i>	Caramelo	Palavra adotada na língua Mehinaku para o termo ‘ <i>caramelo</i> ’, uma palavra que tem sua origem na língua espanhola.
<i>arupão</i>	Arpão	Termo adaptado na língua Mehinaku para se referir a ‘ <i>arpão</i> ’ da língua portuguesa: <i>arpão</i> → <i>arupão</i> .
<i>ilima</i>	Lima	Esta palavra adaptada à língua Mehinaku se relaciona com o nome do instrumento ‘ <i>lima</i> ’.
<i>kanauya iki</i>	Melado	É uma construção formada por uma base da palavra do português <i>kana-</i> ‘ <i>cana</i> ’ com elementos da língua Mehinaku: <i>-uya(?)</i> , seguido da palavra também Mehinaku <i>iki</i> ‘seu líquido’. Paralelamente se usa também o termo <i>arapadura</i> , que é um empréstimo adaptado ao mehinako da palavra ‘ <i>rapadura</i> ’ em português. A construção <i>kanauya iki</i> também se usa para se referir ao

		‘melado’, palavra do português pronunciada em Mehinaku como <i>milatu</i> .
<i>puyawakaki</i>	Açúcar	<i>Puyawakaki</i> era usada para se referir ao açúcar. Atualmente, essa palavra foi substituída pelo empréstimo do português <i>atsuka</i> , palavra adaptada à fonologia do Mehinaku, que tem sua origem na palavra <i>açúcar</i> .

Fonte: Elaborado pelo autor, 2016

Os dados apresentados na tabela (1) mostram-nos a inserção de palavras do português brasileiro sendo usados atualmente na fala diária da população *Mehinaku* da aldeia *Utawana*. Esse uso é mais generalizado entre os jovens, independentemente do sexo do falante. Mesmo alguns neologismos em Mehinaku criados pelos mais velhos para nomear elementos exógenos à cultura Mehinaku são substituídos na fala dos jovens. Isso é explicado pelo fato que os mais jovens já entendem e falam o português como segunda língua, domínio adquirido durante as visitas contínuas às grandes cidades urbanas, como Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro, Cuiabá, além do contato permanente com cidades que circundam o Parque Indígena do Xingu: Gaúcha do Norte e Canarana. Suma-se a isso o fato de que alguns jovens estão frequentando igrejas fundamentalistas que circundam as aldeias Xinguanas. Tudo isso vem evidenciando que a língua Mehinaku vai ao caminho de uma aportuguesação perigosa para o futuro da sobrevivência da língua originária. Também alguns pastores indígenas e não indígenas de outros estados começaram a levar para a comunidade Mehinaku a religião que eles estudam. Assim, alguns *Mehinaku* já se interessaram em frequentar as músicas religiosas que trazem mudança linguística.

5.2 Empréstimos a partir de outras línguas xinguanas

Não são só palavras do português que estão presentes no vocabulário dos falantes *Mehinaku*. Durante a nossa pesquisa pudemos identificar também itens de outras línguas indígenas faladas no parque do Xingu. A introdução dessas palavras se relaciona ao contato intenso que mantêm esses povos por mais de um século. Um primeiro caso a ser descrito se relaciona com palavras provenientes de línguas da mesma família linguística que o *Mehinaku*, ou seja, as línguas *waurá* e *yawalapiti*.

Tabela 2 – Palavras com empréstimos da língua *waurá* e *yawalapiti*

Língua <i>Mehinaku</i>	Empréstimos da língua <i>waurá</i> e <i>yawalapiti</i>
<i>kuku-kulu</i>	nome de um tipo de ‘peixe cascudo’ e que está sendo substituída por <i>exexexü</i> , palavra da língua <i>waurá</i> .
<i>xepeku</i>	‘peixe facão’, palavra que está sendo substituída por <i>tsaitxu</i> que é empréstimo da língua <i>waurá</i> .
<i>kulupei</i>	‘peixe pacuzinho’; <i>ausitxepé</i> empréstimo da língua <i>waurá</i> .
<i>yakuhitxatu</i>	‘máscara grande’ em <i>Mehinaku</i> . Paralelamente encontramos a palavra <i>kuwãwãhalu</i> , possivelmente um termo mais arcaico usado pelas línguas arawak do Xingu, antes de sua separação.
<i>kuruwãu</i>	‘gato’. <i>iyãu</i> empréstimo introduzido a partir do <i>waurá</i> .
<i>puhama</i>	‘fava’. Atualmente sendo substituída por <i>arisãtü</i> , empréstimo da língua <i>waurá</i> .
<i>aulãtu</i>	‘nome de um tipo de peixe’. Para esse mesmo tipo de peixe os <i>Mehinaku</i> usam a palavra <i>yanuküxa</i> , um empréstimo da língua <i>waurá</i> .
<i>nuwananãi</i>	‘minha braçadeira’. O <i>Mehinaku</i> usam também a palavra <i>numalita</i> que os <i>yawalapiti</i> para se referir a ‘minha braçadeira’.

Fonte: Elaborado pelo autor, 2016

Outro conjunto de itens que conseguimos coletar e identificar foram introduzidas no *Mehinaku*, a partir do contato com falantes de línguas da família linguística Tupi-guarani: *Kamayurá* e *Kayabi*, também do *Aweti* e *Yudjá*, línguas do tronco tupi.

Tabela 3 – Contribuições das línguas *Kamayurá* e *Kayabi*, *Aweti* e *Yudjá*

Língua <i>Mehinaku</i>	Língua <i>kamayurá</i> , <i>kayabi</i> , <i>aweti</i> e <i>yudjá</i>
<i>wakula</i>	‘peixe cozido’. Em vez dessa palavra, as pessoas também empregam <i>mutap</i> que é empréstimo da língua <i>kayabi</i> .
<i>maitxati</i> , <i>watuku</i>	‘borduna’, esses dois termos alternam com <i>putuna</i> termo usado pelos <i>kayabi</i> . Possivelmente, os <i>kayabi</i> foram os primeiros em tomar essa palavra do português, sendo posteriormente assumida pelos <i>Mehinaku</i> em seu contato com os falantes da língua <i>kayabi</i> . Observa-se que <i>putuna</i> já é uma palavra que recebeu adaptação fonológica a partir de ‘ <i>borduna</i> ’.
<i>kawüka</i>	‘flauta sagrada’. É comum que os <i>Mehinaku</i> empreguem para denominar o mesmo objeto com a palavra <i>jakui</i> , termo que é próprio da língua <i>kamayurá</i> .
<i>huluki</i>	‘cerimônia de troca de objetos’. Mesmo tendo esse termo, os falantes preferem usar a palavra <i>moitará</i> que os <i>kamayurá</i> usam para se referir a mesma atividade de troca de objetos entre as pessoas.
<i>kayumãi</i>	‘festa de homenagem às lideranças já falecidas’. Da mesma forma que no caso anterior, as pessoas usam a denominação <i>kuarupi</i> um empréstimo da língua <i>kamayurá</i> .
<i>püküxü</i>	‘cutia’. Termo que está sendo substituído por <i>akutsi</i> , uma palavra do tronco tupi.
<i>atsikĩ</i>	‘nojento’. Esse adjetivo pode ser expresso, igualmente, por <i>atsü</i> , que

	é uma palavra da língua <i>aweti</i> .
<i>waká</i>	‘convidador’. A palavra <i>pariyá</i> da língua kamayurá também se usa para se referir à pessoa que desempenha a função de ‘convidador’.
<i>wapĩ</i>	Termo que refere à luta tradicional dos povos do Alto Xingu durante a festa do Kuarup, mais conhecida como <i>Huka-Huka</i> palavra que tem sua origem na língua <i>kamayurá</i> .
<i>yuta</i>	Essa palavra tem como referente o veado sem chifre, mas, atualmente, algumas pessoas estão fazendo um calque linguístico dessa palavra para se referir aos homossexuais. Também se usa <i>kapimã</i> , um empréstimo introduzido a partir da língua kamayurá.
<i>watana</i>	‘flauta que se usa na festa <i>kayumai (kuarup)</i> ’ que alterna com a palavra <i>uruá</i> um empréstimo do tronco tupi.
<i>yaka</i>	Não temos registrar qual teria sido o termo originário em Mehinaku. A palavra <i>yaka</i> ‘jacaré’ é empréstimo que tem sua origem no tronco Tupi.
<i>kaxaiüpa</i>	Vem do português ‘caraíba’, palavra com a qual os povos tupis chamavam aos portugueses no período inicial do contato. Etimologicamente, a palavra ‘caraíba’ teria sua origem no etnônimo <i>karibe</i> , designação que os espanhóis davam as diferentes etnias das Antilhas e da América Central, também para se referir á povos da região norte da América do Sul, no século XVI.

Fonte: Elaborado pelo autor, 2016

Um último conjunto de dados que registramos são palavras relacionadas com línguas *karib* e que são usadas normalmente pelos falantes da língua Mehinaku. As línguas *karib* faladas no Xingu são *Kuikuro*, *Kalapalo*, *Matipu* e *Nafukuá/Yaramü*.

Tabela 4 – Contribuições de línguas do tronco *Karib*

Língua Mehinaku	Empréstimo de outras línguas
<i>pamiükuhã</i>	Essa palavra se refere quando se está vendo a uma pessoa. É um empréstimo das línguas <i>karib</i> faladas no Alto Xingu, substituiu com a palavra <i>umã</i> .
<i>pariyá</i>	‘farinha’; <i>pariyá</i> - empréstimo da língua <i>kalapalo</i> . Parece ser que os <i>Kalapalo</i> pegaram a palavra ‘farinha’ do português, adaptando-a a fonologia da língua <i>kalapalo</i> , depois os Mehinaku teriam tomado essa palavra a partir do contato com os <i>Kalapalo</i> .
<i>yuta</i>	Essa palavra tem como referente o veado sem chifre, mas, atualmente, algumas pessoas estão fazendo um calque linguístico dessa palavra para se referir aos homossexuais. Paralelamente se está usando a palavra <i>asã</i> uma palavra tomada como empréstimo da língua <i>kuikuro</i> .
<i>panana</i>	‘banana’; <i>panana</i> - empréstimo <i>karib</i> . Sabe-se que o termo <i>banana</i> vem do Árabe, cujo significado era ‘dedo’, que posteriormente teria sido mesclado com um som semelhante em <i>galibi</i> , uma língua <i>karib</i> do norte, daí teria se expandido para outras línguas <i>karib</i> .

Fonte: Elaborado pelo autor, 2016

Conforme se pode observar pelos dados citados, a língua Mehinaku, assim como outras línguas, está exposta à introdução de empréstimos tomada de outras línguas indígenas faladas pelos diversos povos que habitam no parque do Xingu, com os quais os Mehinaku matem relações de contato cultural e linguístico.

Segundo os entrevistados, senhora Kamayulalu Mehinaku, senhor Kawakanamu Mehinaku as línguas de outras etnias penetraram no vocabulário dos falantes *Mehinaku* através dos casamentos interétnicos entre esses povos, por exemplo, casamentos dos *Mehinaku* com outras etnias, ou o casamento de pessoas de outras etnias com os *Mehinaku*, em ambos os casos, tanto homens como mulheres. Assim, depois de formarem suas famílias as pessoas continuam mantendo suas próprias línguas que são fundamentais para as famílias, valorizando e preservando a língua de origem. Por isso, é comum que os casais morem nas duas aldeias, para não perder as línguas dos pais. Além disso, as famílias visitam seus parentes, aprendendo, dessa forma, a dominar a língua do outro.

É assim que começa a mudança e interferência de algumas palavras faladas pelos Mehinaku, dando-se, ao mesmo tempo, a troca de empréstimo linguístico entre os falantes de línguas *arawak*.

De modo geral, o avanço da sociedade nacional, se está introduzindo cada vez mais empréstimos que tem sua origem na língua portuguesa. Isso ocorre principalmente com as novas tecnologias e produtos que inicialmente eram desconhecidos pelo povo *Mehinaku*. A tudo isso, soma-se atualmente o interesse crescente do povo por falar e dominar a língua portuguesa. Diante de tudo isso, os pais exigem que seus filhos aprendam e dominem o idioma português, e consideram que o lugar para isso seria o ensino formal na escola da aldeia.

CAPÍTULO VI – OS EMPRÉSTIMOS E A MORFOLOGIA DA LÍNGUA MEHINAKU

Como se observa pelos dados apresentados nas seções precedentes, as palavras definidas como empréstimos estão presentes no cotidiano da fala do povo *Mehinaku*. No que se segue, apresentamos a função dos empréstimos na estrutura morfológica da língua, considerando a formação para indicar aumento ‘aumentativo’ ou diminuição ‘diminutivo’. Também a sua concorrência com dois tipos de classificadores que indicam a característica semântica do referente: ‘arredondado’ e ‘circular’. Consideramos como amostra do processo correspondente as palavras *alata* ‘panela’, *kuyé* ‘colher’, *tuwaya* ‘toalha’, *kulá* ‘miçanga’, ‘colar’, *aruwĩ* ‘arroz’.

Tabela 5 – Alata - ‘lata’, ‘panela’

<i>Mehinaku</i>	Glosa	Formativo	Função
<i>alatakumã</i>	Caldeirão	-kumã ‘indica dimensão do tamanho’	Aum.
<i>alatakumãpüpuku</i>	caldeirão de tamanho médio	-püpuku ‘indica tamanho médio’	Dim.
<i>alatakumãtãi</i>	caldeirão pequenino	-tãi ‘objeto de tamanho pequeno’	Dim.
<i>alatakumãtakuya</i>	caldeirão que tem a forma de círculo	-takuya ‘indica a forma circular do caldeirão’	Forma
<i>alataweke</i>	panela grande	-weke ‘indica tamanho grande’	Aum.
<i>alata tepu</i>	panela grande	-tepu ‘indica tamanho em forma vertical’	Aum.
<i>alata tepupüpuku</i>	panela de tamanho médio	-tepu-püpuku ‘indica forma vertical mais o tamanho médio do objeto’	Aum.
<i>alata tepupüpukutãi</i>	panela de tamanho médio em altura	-tãi ‘indica diminuição, nesse caso, fechando a palavra indica que o objeto é pequenino, mas mantendo a forma correspondente’	Dim.
<i>alata teputãi</i>	panela pequena de forma vertical	-tepu-tãi ‘altura mais diminuição de tamanho’	Dim.
<i>alata teputãitsãi</i>	panelinha	-tãi-tsãi ‘aqui há uma reduplicação do formativo –tãi para indicar o tamanho mínimo do objeto.’	Dim.
<i>alata teputakuyatãi</i>	panelinha de altura circulada	-tepu-takuya-tãi ‘a ocorrência de –tãi no final da palavra indica o tamanho mínimo da panelinha, mas conservando as características indicadas por –tepu e –takuya’	Dim.

<i>alatatiükana</i>	panela grande de altura	-tükana ‘indica altura da panela’	Aum.
<i>alatatiükananapiüpuku</i>	panela de altura média	-tüka-nana-püpuku ‘indica o tamanho de altura média da panela’	Aum.
<i>alatatiükapaniüpukutäi</i>	panelinha de altura pequena	-tükana-püpuku-täi ‘o formativo –täi inserido no final da palavra indica o tamanho mínimo da panelinha.	Dim.
<i>alatateputakuya</i>	panela de tamanho médio em forma de círculo	-tepu-takuya ‘a ocorrência desses dois formativos indica o tamanho e a forma circular da panela’.	Aum.
<i>alatatari</i>	panela grande de forma arredondada	-tari ‘indica a forma redonda do objeto’	Forma
<i>alatataripiuku</i>	panela de tamanho médio e forma arredondada	-tari-piuku ‘indica o tamanho médio e forma arredondada’	Forma
<i>alatataripiukutäi</i>	panelinha meio e arredondada	-tari-piuku-täi ‘a presença do formativo –täi no final da palavra indica diminuição de tamanho’	Dim.
<i>alatataripiukutäitsäi</i>	panelinha	täi-tsäi ‘forma reduplicada, indica uma panela de porte pequeno e arredondada’.	Dim.
<i>alatatakuya</i>	panela tipo caldeirão	-takuya ‘indica o tamanho e em forma de circula da panela’	Aum.
<i>alatatakuyapuku</i>	caldeirão de porte médio	-puku ‘indica tamanho do círculo da panela’	Dim.
<i>alatatakuyatäi</i>	panelinha de tamanho mínimo	-täi ‘indica redução do tamanho da panela, panelinha há’	Dim.

Fonte: Elaborado pelo autor, 2016

Tabela 6 – Kuyé - ‘colher’

<i>Mehinaku</i>	Glosa	Formativo	Função
<i>kuyeweke</i>	colher grande	-weke ‘indica o tamanho grande’	Aum.
<i>kuyetëi</i>	colherzinha	-tëi ‘indica diminuição do tamanho’	Dim.
<i>kuyekene</i>	colher tamanho médio	-kene ‘indica o tamanho grande’	Aum.
<i>kuyetëitsäi</i>	colher pequenina	-tëitsäi ‘indica o tamanho pequenino da colher’	Dim.
<i>kuyenepü</i>	colher de comprimento médio	-nepü ‘indica o comprimento médio do tamanho da colher’	Aum.
<i>kuyepi</i>	colher de tamanho comprido	-pi ‘indica o comprimento alongado da colher’	Aum.

Fonte: Elaborado pelo autor, 2016

Tabela 7 – Tuwaya- ‘toalha’

<i>Mehinaku</i>	Glosa	Formativo	Função
<i>tuwayaweke</i>	toalha grande	-weke ‘indica o tamanho de toalha’	Aum.
<i>tuwayaka</i>	toalha quadrada	-ka ‘indica a forma quadrada da toalha’	Forma
<i>tuwayakatāi</i>	toalhinha	-katāi ‘indica o tamanho menor de toalha que tem forma quadrada’	Dim.

Fonte: Elaborado pelo autor, 2016

Tabela 8 – Kulá - ‘miçanga’, ‘colar’

<i>Mehinaku</i>	Glosa	Formativo	Função
<i>kulamepe</i>	várias voltas de miçangas.	-mepe ‘indica as quantidades de voltas das miçangas’.	Aum.
<i>kulapi</i>	miçanga comprida	-pi ‘indica o comprimento de miçanga’	Aum.
<i>kulatapa</i>	pacote de miçanga	-tapa ‘indica o tamanho de pacote de miçanga’.	Aum.
<i>kulatapatāi</i>	pacotinho de miçanga	-tāi ‘indica o tamanho pequeno de pacote de miçanga’.	Dim.
<i>kulapitsāi</i>	miçanga fina bem comprida	-pi-tsāi ‘indica a linha fina de miçanga’.	Dim.
<i>kulapiyāpū</i>	miçanga bem comprida	-pi-yāpū ‘indica o comprimento de miçanga’.	Aum.
<i>kulapipiuku</i>	miçanga curta	-pi-piuku ‘indica o comprimento de miçanga’.	Dim.
<i>kulapipiukutāi</i>	miçanga bem curta	-pi-piuku-tāi ‘indica o comprimento de miçanga’.	Dim.
<i>kulamepetēi</i>	miçanga de poucas voltas	-mepe-tēi ‘indica poucas voltas das miçangas’	Dim.
<i>kulapiyāpūtāi</i>	miçanga bem fina	-pi-yāpū-tāi ‘indica o tamanho de miçanga bem fina’.	Dim.

Fonte: Elaborado pelo autor, 2016

Tabela 9 – Arūwī - ‘arroz’

<i>Mehinaku</i>	Glosa	Formativo	Função
<i>arūwīpie</i>	só arroz	-pie ‘indica quantidade de arroz já pronto’	Aum.
<i>arūwīpietēi</i>	só arrozinho.	-pie-tēi ‘indica pouca quantidade de arroz’.	Dim.
<i>arūwītsapa</i>	pacote grande de arroz	-tsapa ‘indica o tamanho do pacote de arroz’	Aum.
<i>arūwītsapatāi</i>	pacotinho de arroz	-tsapa-tāi – indica o pacote de tamanho menor de arroz.	Dim.
<i>arūwīyā</i>	mingau de arroz	-yā ‘indica líquido, o que dá mingau de arroz’.	Forma
<i>arūwīyātāi</i>	mingauzinho de arroz.	-yā-tāi ‘indica pouca quantidade	Dim.

		de mingau de arroz’.	
<i>arũwĩyã</i>	mingau de arroz	-yã-yã ‘forma reduplicada, indica quantidade do mingau de arroz’	Aum.
<i>arũwĩyãtã</i>	mingauzinho de arroz	-yã-yã-tã ‘indica pouca quantidade de mingau de arroz’	Dim.

Fonte: Elaborado pelo autor, 2016

Para concluir esta seção, apresentaremos dois exemplos de empréstimos: *arupãu* ‘arpão’ e *kula* ‘miçanga’ em construções de posseção nominal.

Tabela 10 – Empréstimos: *arupãu* ‘arpão’ e *kula* ‘miçanga’

<i>arupãu</i>	‘arpão’
a. <i>-n-arupãu-la</i> 1-arpão-posse	‘meu arpão’
b. <i>p-arupãu-la</i> 2-arpão-posse	‘teu arpão’
c. <i>ĩn-arupãu-la</i> 3-arpão-posse	‘arpão dele/dela’
d. <i>aw-arupãu-la</i> 2PL-arpão-posse	‘nosso arpão’
e. <i>y-arupãu-la</i> 2PL-arpão-posse	‘arpão de vocês’
f. <i>natüxa ãn-arupãu-la</i> 3PL 3-arpão-posse	‘arpão deles/delas’
<i>kulá</i>	‘miçanga’
a. <i>nu-kula-la</i> 1-miçanga-posse	‘minha miçanga’
b. <i>yũ-kula-la</i> 2-miçanga-posse	‘tua miçanga’
c. <i>xã ã-kula-la</i> 3-miçanga-posse	‘miçanga dele/dela’
d. <i>a-kula-la</i> 1PL-miçanga-posse	‘nossa miçanga’
e. <i>yĩ-txula-la</i> 2PL-miçanga-posse	‘miçanga de vocês’
f. <i>natüxa ã-kula-la</i> 3PL -miçanga-posse	‘miçanga deles/delas’

Fonte: Elaborado pelo autor, 2016

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta monografia teve o intuito de descrever alguns dados relacionados aos empréstimos introduzidos no vocabulário dos falantes nativos do *Mehinaku*, uma língua indígena da família linguística *Arawak* falada no Parque Indígena do Xingu, MT. Os empréstimos, aqui descritos, são palavras provenientes, sobretudo da língua oficial, o português.

Esta pesquisa mostrou-nos as mudanças pelas quais vem passando a língua *Mehinaku*, mudanças essas que ocorrem, sobretudo, no vocabulário das pessoas. Observa-se que nomes diversos, principalmente, os relacionados com a denominação de objetos tecnológicos não relacionados à cultura tradicional vem sendo introduzidos no vocabulário da língua. A monografia mostra também os empréstimos que fazem parte do léxico dos falantes *Mehinaku* e que foram introduzidos a partir de outras línguas indígenas faladas no Parque Indígena do Xingu, povos com os quais os *Mehinaku* mantêm contato permanente, é inclusive participando dos casamentos interétnicos que ocorrem no Alto Xingu.

Dentre os aspectos linguísticos, foram analisados e identificados os tipos de empréstimos: interpretação semântica das palavras, adaptações fonético/fonológicas de palavras do português à língua *Mehinaku*, a relação dos empréstimos com a morfologia da língua indígena e sua ocorrência em construções de posseção nominal.

O estudo evidenciou, adicionalmente, que as pessoas mais idosas são capazes de criar neologismos na própria língua indígena para nomear objetos e conceitos alheios à cultura tradicional. Contudo, esta prática não é seguida pela nova geração, fato que parece estar relacionado com o domínio do português como segunda língua (L2) que têm a juventude atual. Independentemente, da variável sexo adquirem o português em suas viagens pelas cidades urbanas, mas principalmente durante a instrução escolar que se desenvolve na própria comunidade, que em termos gerais segue o modelo das escolas das cidades escolas.

Em esta monografia abordamos também, de forma muito sucinta, do espaço geográfico que ocupa o povo *Mehinaku*, um breve histórico do início do contato com sociedade nacional, a inserção das escolas nas aldeias e os desenvolvimentos atuais do povo indígena.

Esperamos que os resultados dessa pesquisa sejam uma abertura para o nosso conhecimento sociolinguístico da língua *Mehinaku*. Somos cientes que a sociedade *Mehinaku* considera relevante a preservação de sua identidade linguística e cultural, fato evidenciado,

sobretudo, na preocupação dos mais velhos que ficam preocupados com o futuro da língua e cultura indígena.

Também ansiamos que os dados aqui registrados sejam divulgados e publicados para servir como fonte de pesquisa para novas gerações, e que, por médio deles, se aprenda valorizar e preservar a língua Mehinaku como elemento principal da identidade linguística e cultural do povo.

Este estudo não termina aqui, ainda abrigamos o objetivo de continuar aprofundado no estudo da língua, talvez fazendo uma pós-graduação para conseguir mais instrumentos que nos permitam aperfeiçoar o nosso estudo sociolinguístico da língua *Mehinaku*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Idea Maria. *Neologismo: Criação lexical*. São Paulo, Ática, 1990.
- CALVET, Louis-Jean. *Sociolinguística. Uma introdução crítica*. São Paulo, Parábola, 2002.
- CARVALHO, Nelly. *Empréstimos linguísticos na língua portuguesa*. São Paulo, Cortez Editora, 2009.
- CARVALHO, Nelly. *Empréstimos linguísticos*. São Paulo, Ática, 1989.
- MAKAULAKA, Mehinaku. *A hereditariedade tradicional da função de Cacique entre os Mehinaku*. Monografia de licenciatura, na área de Ciências Sociais, do 3º Grau Indígena, Universidade Estadual de Mato Grosso, campus de Barra do Bugres, 2006.
- MEC/SEF/DPEF. *Referencial curricular nacional para as escolas indígenas*. Brasília, DF., MEC/SEF, 1998.
- MENEZES, Maria Lucia Pires. *Parque Indígena do Xingu. A construção de um território estatal*. Campinas, Editora da UNICAMP/Imprensa Oficial, 2000.
- SAPIR, Edward. *A linguagem*. São Paulo, Editora Perspectiva, 1980.
- VILLAS BOAS, Orlando e Cláudio. *Xingu: Os índios, seus mitos*. 2^{da}. ed. rev. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1972.